



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DO BRASIL DO REGIONAL LESTE-2
EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»**

Sábado, 8 de Março de 1986

Meus caríssimos Irmãos no Episcopado

1. LOUVADO SEJA Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, que nos concede a alegria deste encontro coletivo, depois dos colóquios privados com cada um dos Senhores, *Arcebispos e Bispos do Regional Leste-2 da CNBB*, o qual abrange os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Ao saudá-los cordialmente, penso com afeto também nas suas Comunidades diocesanas, no bondoso povo mineiro e espírito-santense.

Esta sua visita ad “limina Apostolorum”, há tempos programada, só agora pode concretizar-se, o que lhes exigiu, talvez, mais algum sacrifício. Ele estará registrado no livro da Vida. Neste momento de intensa *comunhão eclesial e colegial* – como foi muito bem salientado pelo seu representante, o Senhor D. Serafim Fernandes de Araújo, Presidente do Regional e novo Arcebispo de Belo Horizonte – o tempo que se exprime aquela união pela qual o nosso Redentor rezou, antes de ir para o Pai (cf. *Jo 17, 11*), está a realizar-se, ao seu mais alto nível, o programático lema de seu Regional: “Comunhão e participação”. Um lema afortunado! E, com os Senhores, todos participantes da vocação celestial, olhando para “Jesus, o Apóstolo e Sumo Sacerdote da fé que professamos” (*Hb 3, 1*), imploro que saiamos deste encontro mais identificados com a missão que nos cabe, de continuá-lo no tempo, prolongando o Colégio dos Doze com Pedro, e mais “firmemente consolidados na fé e irremovíveis na esperança do Evangelho” (cf. *C/ 1, 23*).

2. É nesta alegria, unidade no vínculo da caridade e da paz e comungada súplica de nunca desmerecermos do apelativo de “amigos”, e não já simplesmente servos (cf. *Jo 15, 15*), que vamos prosseguir este intercâmbio fraternal sobre as *condições e alguns problemas* de seu pastoreio diligente, dedicado e zeloso até ao sacrifício.

A *Região* onde o Senhor os constituiu Pastores abrange extensa área de terras brasileiras, ricas e generosas. Ricas, sob o ponto de vista da natureza, bem conhecidas pelas belezas naturais e pelos recursos que proporcionam ao homem; ricas também, sob o ponto de vista humano e religioso: espontânea e serena bondade de coração da sua gente, generosidade, senso de hospitalidade e solidariedade com os mais fracos e “pequeninos”, entusiasmo ardente por nobres ideais e fidelidade aos grandes valores espirituais e cristãos, culto dos autênticos valores e são afetos da família, etc.

São conhecidas as *raízes profundas da fé católica* do povo mineiro e espírito-santense; essas raízes o marcaram, moral e culturalmente, até ao ponto de ser pôr alguns considerado um fator de equilíbrio humano e religioso para a inteira Nação, pelo convencimento, espírito de moderação e bom senso que demonstra. Não deixo de lembrar, ainda, o proverbial devotamento e solícita adesão desse dileto povo, guiado pôr seus pastores, ao Sucessor de Pedro e à Cátedra de Roma. Disso tive prova, quando me foi dada a alegria de estar em seu meio, em Belo Horizonte, num dia que jamais esquecerei.

Essa alma, “naturalmente cristã” (*Tertulliano*), com longa tradição de vida e testemunho de adesão a Cristo, não se exime atualmente aos *riscos e desafios* que lhe vem “de fora” e, nalguns aspectos, também “de dentro” das estruturas eclesiais. Isto me foi dado auscultar, pelos seus Relatórios e confidencias.

Sem poder esboçar aqui um quadro de todos esses riscos e desafios, refiro-me somente à viragem rápida que está a operar-se, na conjuntura social: de um tipo de vida e cultura rural para um tipo novo, que ainda não é bem definido. Ele se vai processando, por vezes de forma imprevista. Isso tem impacto, certamente, sobre a organização e estabelecimento de serviços pastorais à vida cristã. E, em alguns casos, um cristianismo generoso mas superficial, insidiado por seitas, ideologias e visões fragmentárias do homem, alheias, indiferentes ou porventura hostis à tradição cristã, exige tomadas de posição tempestivas, precisas e esclarecidas.

3. Entretanto, meus amados Irmãos, “não se perturbe o seu coração, nem desfaleça” (*Jo 14, 27*)! Temos sobejos motivos de esperanças e de confiança, além da certeza da vitória de Cristo. Para começar, é motivo de esperanças o *carácter prioritário* que tem tido em sua Região a *catequese*. Ela tem de ser vista sempre como forma de evangelização e respeitar o seu conteúdo (cf. Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*, 44). Ou seja, trata-se de uma das atividades eclesiais em que importa respeitar integralmente a missão salvífica da Igreja, em relação ao mundo, como frisava o recente Sínodo dos Bispos.

Como noutros campos, dada a crescente interdependência de pessoas e problemas, em âmbito cada vez mais alargado, e a interpelação recíproca que se fazem o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens, no campo catequético apresenta-se como necessária a *pastoral planejada organicamente*. Com participação das entidades e pessoas interessadas, ela pode

facilitar o encontro, em conjunto, dos caminhos mais rápidos para alcançar determinadas metas, *melhor servir o reino de Deus*.

Na Exortação Apostólica “*Catechesi Tradendae*” e, certamente, nos resultados dos dias de estudo sobre a catequese de seu Regional, em dois anos consecutivos (1980 e 1981) – o que merece encômio – encontrarão os Senhores indicações e propostas, que o seu zelo e responsabilidade de Pastores e Mestres na fé os levarão a utilizar, para *formar os espíritos* e plasmar retamente a visão de fé, o sentido crítico cristão e a *consciência moral* de seus fiéis, desde os mais tenros anos de idade.

4. Neste empenho evangelizador, nunca hão de deixar de ser oportunamente conscientizados todos os que na Igreja devem ou querem ser *catequistas*. Saliento aqui, o *papel da família e da escola*, sobretudo pelo que se refere à catequese da infância e adolescência. Todos os fiéis cristãos, porém, em determinados momentos e ambientes, tem de assumir a nobre tarefa de ajudar os mais novos a prepararem-se para a vida conforme ao Evangelho: num mundo difícil, com o testemunho da alegria da fé, devem evangelizar, catequizando.

De qualquer modo, serão sempre os Sacerdotes, diretos colaboradores do Bispo que é o “primeiro responsável da catequese” em sua Igreja particular (*Catechesi Tradendae*, 63), os principais agentes na pastoral de catequese, com sensibilidade: em relação à *religiosidade popular*, sabendo canalizá-la para caminhos de fé genuína; e à *catequese permanente* e a todos os níveis. Há que aproveitar bem os meios e oportunidades que se apresentam, com o tríplice objetivo de levar cada batizado a esta tríplice aquisição: captar a mensagem integral do Evangelho; fazer a experiência da fé; e, ainda, a experiência da comunidade da fé na Igreja, fundada sobre a verdade, a unidade e a caridade.

Sei que há no seu Regional um Bispo responsável pela Pastoral da Juventude e *Ensino Religioso Escolar*: todos – os Senhores que o elegeram e o Papa – confiamos na sua sabedoria, eficiência e na assistência do Espírito, para se aproveitar essa idade generosa da juventude e esse momento bem propício da escolaridade para fortalecer e educar na fé e na coerência moral as gerações que sobem na vida, promessa de um novo porvir iluminado pelo reconhecimento de Deus e do seu desígnio de os homens formarem uma família de bons irmãos.

5. “Irremovíveis na esperança do Evangelho” e confiando n’Aquele que opera em nós o querer e agir (cf. *Fil 2*, 13), seja-me permitido indicar, entre outros, *três campos* em que se impõe com urgência a evangelização, também pela via da catequese:

A - *A família*. Encontra-se patente nos seus Relatórios a urgência de uma ao convergente e concorde das diversas Dioceses, não só de uma Região mas de todo o Brasil, para salvaguardar e promover os valores da família, tradicionalmente sã e sólida, mas ameaçada em diversos planos, e agredida mesmo, pôr certos modelos que lhe são capciosamente impostos. Não nos é

possível deter-nos aqui a discorrer sobre uma *pastoral orgânica*, visando preparar os jovens para o sacramento do Matrimônio e as responsabilidades familiares; ajudar os casais a desempenhar as suas indeclináveis funções e a viver o ideal cristão apontado pelo Concílio Vaticano II, de as famílias se tornarem “igrejas domésticas”, responsabilizadas, ao mesmo tempo, pela formação do homem e do cristão, pois “o futuro do homem passa pela família”. Tudo isto pressupõe critérios esclarecidos, quanto à unidade e indissolubilidade do vínculo matrimonial e quanto à fidelidade, fecundidade, sacralidade da vida e educação da prole. Pressupõe, enfim, a consciência do serviço que a família está chamada a prestar à Igreja e à sociedade, conforme o que se explana na “*Familiaris Consortio*”.

Cada um dos Sacramentos, e não só o Matrimônio, mereceria que Ihes dissesse aqui uma palavra de encorajamento e alerta. Mas limito-me à Eucaristia e Reconciliação ou Penitência, normalmente designada em suas terras por Confissão.

B - *A Eucaristia* é um momento privilegiado de catequese e o coração de cada vida cristã. Louvor de Deus e fraternidade encontram na Eucaristia o seu ponto de mais alta afirmação. Sei que é grande a piedade eucarística em sua Região; alegro-me pôr isso. Hoje limito-me a partilhar sua preocupação pastoral por iluminar as consciências sobre as *disposições pessoais* para a sagrada *Comunhão*: fé viva, dignidade e pureza de alma. Já São Paulo as apontava, quando precava os cristãos de seu tempo: “Aquele que come e bebe, sem distinguir, o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação” (1 Cor 11, 29).

Como bem sabemos, não se poderia conciliar com o ensino da Igreja a posição de quem sustentasse que a Eucaristia perdoa os pecados graves, sem recurso ao sacramento da Penitência. É verdade que o Sacrifício da Missa é fonte de todas as graças, enquanto torna presente o Sacrifício da Cruz. Mas isto não significa que os que cometeram pecado mortal possam aproximar-se da Mesa eucarística sem se terem reconciliado com Deus, mediante o ministério sacerdotal no Sacramento.

C - *Penitência ou Reconciliação*: é a via ordinária e necessária para recuperarem a graça aqueles que, depois do Batismo, caíram em pecado grave. O seu alcance, porém, não se limita a apagar os pecados nos corações contritos; é também manifestação da bondade misericordiosa de Deus e da sua glória, segundo a conhecida expressão de Santo Agostinho, registrada no número sete do ritual deste Sacramento: “*Confessio fidei, confessio vitae, confessio laudis*”.

Pude auscultar que os preocupa, e justamente o *ministério da Reconciliação*; que não fecham os olhos diante de problemas de fundo e novos, que se levantam à celebração “ordinária e necessária” do Sacramento. Só desejaria exortá-los, fraternalmente, a procurarem que seja aplicado quanto se encontra exposto na Exortação Apostólica “*Reconciliatio et Paenitentia*”, acerca das “convicções fundamentais” a viver, e das normas a serem observadas, no que se refere às formas de celebração deste Sacramento (Ioannis Pauli PP. II *Reconciliatio et*

Paenitentia, 31-33; cf. *Codex Iuris Canonici*, cann. 960 ss.) .

6. *Os Jovens*. Recordo sempre gratamente as horas intensas de fé, calor humano e vibração de meu encontro, em Belo Horizonte, com os Jovens do Brasil – “a maior riqueza de um país imensamente rico”. Os Jovens olham para a Igreja; e precisam obter dela certezas: e nós temos a grande certeza de Cristo Redentor.

Sei, amados Irmãos, que continua a estar-lhes presente a *opção pelos Jovens na América Latina*, a par da opção pelos Pobres, feita na Conferência de Puebla. Quero encorajá-los a prosseguir nessa opção, insistindo em “formar no jovem o sentido crítico frente aos contravalores culturais, que as diversas ideologias tentam transmitir-lhe” (*Puebla*, 1197); em formar o jovem na verdade, animada pelo amor, pois só o amor constrói, colocando as esperanças nos horizontes de Deus.

Há vários *outros assuntos e componentes da vida eclesial*, objeto da sua solicitude de Pastores, dos quais gostaria dizer uma palavra, como por exemplo:

- a crise vocacional, embora ela não se apresente em sua Região com aspectos alarmantes;
- os seus diretos colaboradores – os seus queridos e beneméritos Padres – que tem tradições a manter e honrar;
- os Seminários e Casas de formação para o Sacerdócio e Vida consagrada, numerosos em suas Dioceses, graças a Deus;
- os abnegados Formadores que aí procuram, responsavelmente, servir e edificar a Igreja;
- os membros de Institutos de Vida consagrada e seu enquadramento na única missão evangelizadora da Igreja;
- o Diaconato permanente, os outros ministérios e o Laicato católico, aos quais o Concílio continua a fazer apelo;
- os meios de comunicação social e o serviço do reino de Deus;
- as Universidades e Faculdades católicas, etc.

Com esta referencia incompleta, ficam-me no coração para tema de colóquio com Deus, estes e outros seus problemas.

7. Só mais uma observação. A Igreja olhou sempre as várias formas de expressão artística com muito apreço (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 122). Numerosos foram os artistas que em sua terra,

sobretudo no período barroco, traduziram nas produções a emoção e a exaltação religiosa própria ou de outros, mediante a reflexão sobre os Livros sagrados e as vicissitudes da vida humana. Dai resultou um *património artístico*, que ficou a testemunhar às novas gerações a fé dos antepassados e a constituir para elas uma interpelação e um estímulo a descobrirem e a aprofundarem os genuínos valores cristãos.

Como deixar de preocupar-se com a salvaguarda de tais riquezas do engenho do homem iluminado pela fé? Como não aplicar-se em fazer com que a mensagem crista, contida nessas obras e monumentos, possa ser proposta para quantos procuram a experiência do Divino através da beleza?

Foi com satisfação que me apercebi de quanto isto lhes está a peito em sua missão: do que estão a fazer no sentido de defender e valorizar tais bens, em bom entendimento com as Autoridades públicas. Estas, respeitando a competência eclesiástica, não podem deixar de dispensar a sua atenção àquilo que é simultaneamente *património religioso e património cultural da Nação*.

8. Agradeço a visita que me fizeram. Sei que estão persuadidos de que realmente tem razão o Apóstolo, quando confessa: “Tudo posso naquele que me dá força” (*Fil 4, 13*). Regozijo-me com os Senhores pelo bom funcionamento do “Regional” e pelo que puderam escreverem seu Relatório global: “Nossos Bispos, efetiva e afetivamente, procuram caminhar juntos, sendo sempre um sinal de união”.

Encerrando-se, com o grupo dos Senhores, o ciclo desta visita “*ad limina Apostolorum*” dos Irmãos Bispos brasileiros, o meu pensamento voa até Fortaleza, onde tive a alegria de ver a todos juntos, os que então integravam sua *Conferência Episcopal*, a grande maioria dos que encontrei ao longo deste ano. E, evocando como válido quanto nessa circunstancia lhes dizia, fraternamente, peço ao Apóstolo e Sumo Sacerdote da fé que professamos, Jesus Cristo (cf. *Hb 3, 1*), para todos sem excepção, a fidelidade Aquele que os constituiu Pastores da Igreja que está no Brasil, porção extensa da una e única Igreja de Cristo.

Imploro para todos e para as suas Comunidades diocesanas a celeste protecção de Nossa Senhora, que me confirmaram continuar em sua Região a ter um lugar de relevo na piedade do povo fiel. Numerosas são as *romarias e festas* a Ela dedicadas, onde acodem os fiéis. Que encontrem sempre o espaço e impulso catequético para retemperar a própria fé em Cristo, olhando para Maria Santíssima. Ao seu Coração Imaculado confio a Igreja que está em Minas Gerais, Espírito Santo e em todo o Brasil.

Seja penhor da minha comunhão e participação em seus trabalhos, alegrias e esperanças de Pastores a Bênção Apostólica que lhes dou, de todo o coração, e faço extensiva às suas Comunidades diocesanas.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana